

MICROSCOPIO

E' um discurso por vários títulos significativo o que pronunciou Hitler no dia do Ano Novo. Já nada mais existe da antiga arrogância nazista. Acuada por desprezíveis servos se acha a orgulhosa raça de senhores. O seu deus já não ameaça: impreca e lamenta como qualquer frágil criatura humana.

Além desta completa mudança de compostura, que se veio processando em sucessivas arengas, outra coisa também se observa, em tôda a plenitude, no último discurso de Hitler: o inexcusável cinismo das suas afirmações. O homem que sustentou a doutrina da guerra pela guerra, da guerra como meio de engrandecimento das raças superiores, o homem que invadiu a Polónia, depois de haver abocanhado impunemente a Tcheco-Eslováquia, apresenta-se-nos agora como um extremado pacifista, forçado, pela belicosa Inglaterra, a aceitar uma luta inglória.

Mas este cinismo estanhado, esta coragem de afirmar as cousas da mais evidente falsidade não é privilégio do ditador germânico, porque caracteriza todos os regimes da mesma categoria. O despotismo, qualquer que seja a sua forma, é visceralmente cínico. Está isto na sua própria natureza.

E' que nenhum poder humano, por mais forte materialmente, repousa no vácuo e se justifica por si mesmo. Assim, na ânsia de buscar a sanção popular para os seus atos, afim de manter-se, o ditador afirma tudo, o real e o imaginário, o possível e o impossível. Se éle tudo pode em atos, por que não há-de podê-lo em palavras?

Demais, por que não mentirá o ditador, se ninguém lhe pode sair ao embargo, se ninguém o pode criticar e contrastar? Próprio da verdade é convencer, mas a palavra dos ditadores também convence, às vezes, por falta de toda contradição, principalmente quando proferida com entono nazista.

Se a isto se acrescentar que os déspotas nunca, ou mui raro, são seres normais, ter-se-á em boa parte esclarecido, creio eu, o cinismo característico não só do nazismo, mas dos regimes de força, em geral.

RAUL PILLA

14.1.44